

O CIPÓ GUASCADO

Quando Italiápolis era só mata virgem, o Padre Frutuoso da Conceição deu a extrema-unção ao índio Tekó, escravo de sua tropa de caboclos que não tendo de melhor a fazer, enforcou-se.

O filho da mãe, em 1.728, abriu a porteira aos enforcamentos espontâneos em nossa região.

O Sutil de Oliveira, um capitão-de-assaltos, arrebanhador de escravos indios, geralmente enforcava os 'inobedientes', mas o suicídio do Tekó, um guia de tropa, foi "ato sem constrangimento", segundo as anotações do próprio Frutuoso.

Como Rainha do Sertão a vila registrou vários suicídios nas formas e modelos os mais estúpidos. O cipó surrado, bem sovado, foi o instrumento preferido. A expressão 'guascado' não aparece no vernáculo, a criamos para que o leitor sinta como ficavam as costas dos índios escravos.

A Escravocracia foi o regime que antecedeu a Colonização Italiana, não apenas na Província de São Paulo, mas pelo Sul do país afora. É doce a ilusão de que a

escravatura se restringiu a raça negra; esse Regime Social veio com a Tradição Portuguesa.

Essas "virtudes caboclas" não aparecem na História de Italiápolis. Foi um capítulo maliciosamente escondido, porém "Sem dúvida o motivo das brigas entre italianos e os legítimos".

Neste aspecto há que se reconhecer o mérito do Padre Tarallo, um defensor do trabalho livre.

Mais tarde, como Pérola da Douradense, a cidade assistiu freqüentes casos de "pessoa que se matou a si própria". A alegre e doce liberdade trazida pelos italianos, uma vez experimentada, transformou-se em obsessão, em idéia fixa. A perda desse Encanto da Vida deu causa a muitos enforcamentos.

O cipó guascado do Sutil fez escola por aqui por mais de 100 anos. A chegada da corda, no inicio do Século 20, estimulou a chaga contagiosa que perdura até hoje, o enforcamento.

Houve momentos de nossa história que tivemos dois, três e até mais casos de morte pela corda numa só semana. A imagem das lingüiças defumadas, penduradas nas cozinhas ou mesmo nas Vendas de Secos e Molhados, estimulava a imaginação.

Italiapolitano não podia ver nada dependurado, já se assanhava, excitava-se.

Em nossas pesquisas observamos que as mulheres italiopolitanas, as oriundas, não foram dadas ao

enforcamento; optavam por outros meios. Raríssimas foram cenas de mulher pendurada na ponta de uma corda.

Entretanto, anotamos uma exceção curiosa, o caso da Izabella.

A Izabella chegou ao Brasil com 16 anos de idade trazida pelo primeiro grupo de imigrantes da Província de Salerno. Uma morena cheia de encantos, boa criadora como todas e poderia seguramente ter ajudado a povoar a Espírito Santo do Córrego das Pedras, porém não foi assim.

Logo bem cedo, contou-nos um vizinho de colônia, com o almoço bem protegido com toalhas lavadas, dirigiu-se à roça onde o marido, um jovem 'birbante', não resistindo à demora da Izabella, deitou-se com a própria cunhada a sombra de um florido faveiro.

Flagado pela esposa não soube como justificar a intempestiva 'fregola' e ao retornar, no final da tarde, encontrou a Izabella pendurada na tesoura de sustentação do telhado de seu quarto.

A ceroula do amado substituiu a corda dando a cena do crime um tom colorido de uma paixão desvairada.

Nos princípios do ano de 1.900, um político prestigioso inaugurou a arma de fogo. O Sr. Antônio Florêncio da Silva Terra, provavelmente primeiro Prefeito da Vila, um bom Administrador de Fazenda, meteu um disparo de chumbo na própria boca.

Esse modelo de suicídio agradou e passou a ser imitado, variando o calibre da arma.

Da garrucha para a carabina foi um tiro, dizia o velho Egidio Mercaldi, um excelente armeiro que por muitos anos residiu nos arrabaldes, hoje esquina da Rua Pero Neto com a Av. Francisco Porto, numa casa que ainda em 1.950 mantinha-se de pé com a sua enorme serpente esculpida na fachada.

O suicídio é um crime em que a polícia encontra o corpo e a arma, mas não encontra o criminoso, pois não há um e sim vários, os familiares do morto.

A excentricidade na escolha do adereço evoluiu no tempo. Do cipó à corda, do veneno ao arame, do laço ao barbante e assim por diante, inclusive peças de vestuário, o ridículo que nos fazem rir da desgraça alheia.

Em Italiápolis 12% dos óbitos acontecem por suicídio, o que não deixa de ser uma boa marca se compararmos às estatísticas europeias, portanto, aconselhamos cautela.

Sendo você um italiapolitano, residente em Italiápolis, não dependure nada, seja prudente, não se estimule, não deixe a vista nem mesmo o seu salame.